

A ESCOLA BILÍNGUE E A AQUISIÇÃO DA CULTURA SURDA

Gesláini Cunha da Silva¹

Sandra Elaine Aires de Abreu²

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar como a escola bilíngue proporciona à criança surda a aquisição da cultura surda. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica sendo utilizados livros, artigos, materiais online. Diante dos dados que foram pesquisados, foi possível analisar a importância das escolas bilíngues para a formação da criança surda e principalmente na aquisição da cultura surda, a escola fornece meios para que essa criança adquira sua língua materna e por meio dela obter maior conhecimento de sua cultura e assim, tomando-a para si. Foi possível observar que por meio da vivência com pessoas surdas fortalece a aquisição da cultura surda, a criança surda deve ser respeitada e atendida na sua língua materna. A escola bilíngue fornece um aprendizado para a criança surda sem impor outra língua como, por exemplo, o oralismo, a língua de sinais é a sua primeira língua e a língua portuguesa vem como segunda língua para o surdo, propiciando um ensino que facilite a linguagem da criança e consequentemente o fortalecimento de sua cultura e a aquisição da mesma. As escolas bilíngues trazem uma proposta muito interessante em que a criança não somente aprenda a língua de sinais, mas tenha um contato maior com sua cultura surda fortalecendo sua identidade dentro da comunidade em que está inserida.

Palavras-chave: Escola bilíngue. Cultura surda. Língua de sinais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade demonstrar a relevância das Escolas Bilíngues na aquisição da Cultura Surda, trazendo sua importância na formação do surdo nas questões educacionais e identitárias. Esta pesquisa tem como foco a Cultura Surda como influenciadora na aquisição da língua de sinais por crianças surdas em escolas bilíngues.

A análise da literatura revela a importância da Cultura Surda para a formação da identidade da criança dentro da comunidade que está inserida. Diante disso, conhecer a Cultura Surda e sua influência na aquisição da língua de sinais, traz grandes conhecimentos, tanto históricos quanto sociais, formando profissionais não somente

¹ Acadêmico graduando do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA;

² Doutora em Educação. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

da educação, mas todos que convivem com o surdo, trazendo-lhes a educação e a formação dos surdos e mostrando que a escola bilíngue é a fórmula para melhorar esta educação e de certa forma é incluindo a cultura dos surdos, sem impor a cultura ouvintes, sendo que a LIBRAS é a sua língua materna e está regulamentada por lei.

A língua de sinais é usada pela maioria dos surdos, no seu cotidiano. É a forma como os membros da Cultura Surda se comunicam entre si, dentro da Comunidade Surda, são símbolos de identificação entre seus membros.

Toda comunidade precisa de uma cultura para formar sua identidade. E por meio da Cultura Surda, adquire-se a aquisição da língua dos surdos, pois o surdo inserido nesta cultura estará mais propício a adquirir a língua de sinais. Segundo Machado e Prestes (2007, p.50) “um surdo estará mais ou menos próximo da cultura surda a depender da identidade que assume dentro da sociedade”. Por isso há uma necessidade do surdo interagir com outros surdos, formando assim a construção da sua linguagem através da língua de sinais, valorizando suas identidades e costumes dentro de sua comunidade, intensificando cada vez mais a sua cultura. Perante isto as pessoas surdas precisam ter mais contatos com surdos para que sua linguagem se desenvolva principalmente as crianças surdas para adquirir a língua de sinais.

Durante muito tempo foi imposto aos surdos uma cultura ouvinte, onde a educação oral era predominante, fazendo com que os surdos fossem perdendo sua cultura, sua identidade. Aos surdos é imposta uma doutrina oralista, sendo considerada por muito tempo como a melhor maneira de formá-los e educá-los. Segundo Quadros (1997, p.22) “o oralismo vai totalmente contra uma maneira espontânea de o surdo aprender, fazendo com que a língua de sinais seja suprimida nos mais diversos ambientes que o surdo está inserido.” O surdo tem uma capacidade enorme de adquirir sua linguagem de maneira espontânea. Com essa imposição do oralismo cria uma defasagem na educação dos surdos dentro das escolas, fazendo com que os mesmos não estejam preparados para vida, como numa oferta de emprego ou até mesmo nos estudos.

Muitas crianças nascem em famílias em que os pais são ouvintes, as mesmas estão inseridas em ambientes que não favorecem sua língua natural. Diante de tal situação, se a criança não fizer aquisição de sua língua natural, isso pode afetar o seu

desenvolvimento. A criança precisa ter contato com pessoas surdas, fazendo com que sejam inseridas numa cultura que de fato lhe pertence. Quadros (1997, p.30), ressalta que “o domínio da língua nativa, apesar de ser essencial não garante o acesso a uma outra segunda língua.” Ou seja, por mais que a criança tenha domínio na sua língua natural, a mesma pode não conseguir uma segunda língua, como por exemplo a língua portuguesa.

Nestes termos, estabelecemos como questão central nesta pesquisa, Como a escola bilíngue favorece a criança surda à aquisição da Cultura Surda? E como objetivo geral, Demonstrar como a escola bilíngue favorece a criança surda à aquisição da Cultura Surda. E os problemas específicos O que constitui a Cultura Surda? Como a língua de sinais contribui na formação do surdo? Como ocorre a formação de identidade surda na escola bilíngue? E os objetivos específicos são: Definir a constituição da Cultura Surda; Entender como a criança surda adquire a língua de sinais; Mostrar Como ocorre a formação de identidade surda na escola bilíngue.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Para tanto, recorreremos a pesquisa através de livros, bem como artigos em PDF e material online referentes ao tema pesquisado. Inicialmente, o estudo será baseado em autores como Shimitt, Luchi (2014), Quadros (1997), Machado, Prestes (2007).

1. A aquisição da cultura surda

A cultura surda segundo Strobel (2008, p.30 apud SHIMITT; LUCHI, 2008) se define como a maneira do surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas concepções visuais que contribuem para definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas.

Conforme Pereira (2011, et al, p.28), “na interação com adultos Surdos, as crianças surdas terão oportunidade não só de aprender a língua de sinais, como também de construir uma identidade surda por meio do acesso à cultura das comunidades surdas.” Diante do que foi citado é de fundamental importância à interação de crianças surdas com adulto surdo, pois é a partir deste contato que a aquisição da Cultura Surda se fortalece. Na vida adulta, o surdo não terá as mesmas

facilidades de aprendizagem que uma criança possui, por isso há certa dificuldade para adquirir a Cultura Surda. Os Surdos possuem características próprias, tanto culturais quanto linguísticas formando assim sua identidade e comunidade, para Pereira (et al,2011, p.34), “as comunidades Surdas apresentam suas próprias condutas linguísticas e seus valores culturais.” A interação com o adulto surdo fortalece a constituição da cultura surda para uma criança, esse contato irá fornecer um vínculo maior com a sua cultura.

É por meio de cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas e lhes dá o carimbo de pertinência, de identidade. Nesse sentido, a existência de uma Cultura Surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas. Por esse motivo, falar em Cultura Surda significa também evocar uma questão identitária. Um surdo estará mais ou menos próximo da cultura surda a depender da identidade que assume dentro da sociedade. (SALLES 2004, apud MACHADO; PRESTES 2007, p.50)

Leva-se em consideração que comunidade Surda é onde todos estão inseridos na Cultura Surda, ou seja, que possuem contato com surdos, mesmo que seja ouvintes, basta ter um conhecimento e domínio da língua de sinais, Pereira (et al, 2011, p.34), “pertencer a comunidade surda pode ser definido pelo domínio da língua de sinais e pelos sentimentos de identidade grupal, fatores que consideram a surdez como uma diferença, e não uma deficiência.” Fazer parte da comunidade surda é ter conhecimento daquela cultura e afinidade por ela, e ver sua identidade dentro dela, não necessariamente precisa ser surdo para estar inserido nesta comunidade.

“A língua de sinais, uma língua visual-espacial com gramática própria, é uma das maiores produções culturais dos surdos,” (PERLIN, 2006 apud PEREIRA, et al, 2011, p.34).

Segundo Pereira (et al, p. 03) “[...] a língua de sinais é a língua usada pela maioria dos Surdos, na vida diária. É a principal força que une a comunidade Surda, o símbolo entre seus membros.” A língua de sinais é a forma que os surdos comunicam entre si, é a sua língua nativa:

Cada país tem sua língua de sinais, como tem sua língua na modalidade oral. As línguas de sinais são naturais, ou seja, nasceram ‘naturalmente’

nas comunidades surdas. Uma vez que não se pode falar em comunidade universal, tampouco esta correto falar em língua universal. (PEREIRA et al, p.4, grifos do autor).

Diante desta asseveração, pode-se averiguar que a língua de sinais é variável, cada país e região tem sua maneira de se comunicar, como as culturas dos ouvintes não é igual a cultura dos surdos também não se iguala as outras, ou seja, irá variar de acordo com a nacionalidade e regionalidade de cada surdo.

A Língua Brasileira de Sinais é a língua dos surdos, que está amparada pela Lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002, no decreto de nº 5.626, 22 de dezembro de 2005. No Art.2º do capítulo I, diz que “para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais- (LIBRAS). No capítulo II, traz a inclusão da libras como disciplina curricular Art. 3º³ e no capítulo VI no Art. 22⁴ deste mesmo decreto que define como as escolas bilíngues devem ser organizadas

Diante desta lei, deve ser considerado o currículo da escola, os conteúdos a serem repassados para as crianças e o mais importante de todos os profissionais que irão transmitir essa língua, que sejam profissionais capacitados e de preferencia surdos, pois trazem consigo uma cultura e identidade que será repassada para seus alunos surdos.

Para que as crianças adquiram a língua de sinais é preciso que tenham um conhecimento da sua língua e uma interação com pessoas surdas que sejam

³ A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Art. 18 da Lei nº10. 098, de 19 de dezembro de 2000.) E nos incisos diz que, § 1º. Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério. § 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (Lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002).

⁴ I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. . (Lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002).

professores surdos professores que possuam uma formação em LIBRAS, ou seja possuam total conhecimento sobre a língua principalmente. As crianças que tenham pais ouvintes, neste contexto os autores afirmam que, “a interação com adultos Surdos será propiciada por uma escola que conte com professores e profissionais surdos usuários da língua de sinais e com professores ouvintes que a usem na comunicação e no desenvolvimento do conteúdo programático.” (PEREIRA, et al,2011, P.16).

Pereira e Nakasato (2002, apud PEREIRA et al,2011, p.27) deixa exposto que “se as crianças surdas de pais ouvintes forem para uma escola para Surdos, poderão adquirir uma língua de sinais na interação com adultos Surdos, que ao usar e interpretar os movimentos e enunciados das crianças surdas, as insiram no funcionamento linguístico-discursivo dessa língua.” A língua de sinais apresenta os próprios papéis que a língua portuguesa falada e realizada pelos ouvintes, possui uma gramática e suas regras.

A língua de sinais fortalece a identidade e a cultura dos surdos é a interligação entre os surdos com a comunidade surda, possuem um grande significado fortalecendo a identidade dos Surdos para isto Machado e Prestes (2007, p.48) diz que:

A concepção de língua amplia profundamente a questão de possibilitar ou não aos sujeitos surdos o uso de uma língua de sinais: o problema não está apenas em possibilitar ao surdo a ‘comunicação’, quer com outros surdos quer com ouvintes. Uma vez que a língua é um fenômeno que permite interagir com o outro, ela possibilita às pessoas com surdez constituírem-se como pessoas, construindo sua identidade e a de seu grupo na comunicação com outras pessoas, independentemente da condição em que se encontrarem. Ela permite, enfim, a constituição de uma cultura surda. (MACHADO; PRESTES 2007, p.48, grifos do autor).

A língua de sinais permite aos surdos a comunicação com outros surdos e com ouvintes, dando-lhes um pertencimento de comunidade, Perlin (2001, p.52 apud MACHADO ; PRESTES 2007, p.50), diz que “a identidade cultural é formada através do pertencimento a uma cultura.” Segundo Skliar (2001, apud PEREIRA, et al 2011, p.22), fala que “a língua de sinais constitui o elemento identificatório dos Surdos, e o fato de estes constituírem comunidade possibilita que compartilhem e conheçam as normas de uso dessa língua, já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente.” A troca de informações entre os surdos possibilita um aprendizado

maior da língua de sinais e seus preceitos, o surdo terá a possibilidade de aprender novas palavras e significados, pois este contato lhe fará com que coloque em prática este novo conhecimento. A LIBRAS é a língua dos surdos, o seu símbolo de comunicação e de identidade que fortalece sua cultura. Pereira (et al, 2011, p.35) “a língua de sinais, é um poderoso símbolo de identidade para os Surdos, em parte por causa da luta para encontrar sua identidade em um mundo ouvinte que tem tradicionalmente desprezado sua língua e negado sua cultura.” A língua de sinais fornece ao surdo um maior pertencimento a sua cultura, pois ela é o maior símbolo de representatividade para a comunidade surda.

2. Língua de sinais e a constituição da identidade do surdo

O bilinguismo⁵, esse novo modelo educativo, vem com uma proposta de ensinar duas línguas para o surdo, sendo que Língua Brasileira de Sinais terá prioridade na formação deste aluno surdo e o Português a sua segunda língua, que será na modalidade escrita. Com esta nova modalidade de ensino surge então uma proposta de educar as crianças surdas, partindo de sua realidade, sua linguagem materna, ou seja, sua linguagem natural e não impor um ensino sistematizado de escrita para eles, mas um ensino que facilite sua formação, com isto Quadros, (1997, p.27) diz que:

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então a pessoa surda tem o direito de ser ensinada na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito. (QUADROS, 1997)

No Brasil, segundo Quadros (1997, p.36) “há poucos relatos sobre educação bilíngue.” Ainda não se tem uma educação para os surdos nas realidades das escolas brasileiras.

Sabemos que a educação bilíngue não é uma tarefa fácil para as escolas brasileiras, mas não significa que isto seja impossível, fazendo com que a cultura

⁵ “Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil” (QUADROS, 2000, p.54) O bilinguismo visa formar o surdo para a utilização de duas línguas, sendo no Brasil a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

ouvinte se mescle com a cultura surda, pois através desse enxerimento a criança surda se adaptará mais facilmente e seu conhecimento será adquirido de forma natural e espontânea. Por isso, esta nova implementação de uma bilíngue-cultural. Sanchez (1990, apud QUADROS, 1997, p.41).

Mas que não se perca os esforços. A inauguração de uma nova etapa histórica não significa que todos os problemas estejam resolvidos. Em seguida se verá a realidade e funcionamento do modelo bilíngue, apreciarão seus alcances e suas limitações, e novos conhecimentos sustentarão os atuais, mostrando suas insuficiências e seus erros. O modelo bilíngue tende a ser aperfeiçoado e, eventualmente, superado. Mas nesse processo que se inicia teremos os surdos como protagonistas e poderemos dialogar com eles num plano de igualdade, unidos por vínculos solidários na construção de um futuro melhor para todos. A prepotência, a segregação e o desprezo serão coisa do passado, e 'não terão uma segunda oportunidade sobre a terra'. (SANCHEZ, 1990 apud QUADROS, 1997, p.41, grifos do autor).

As crianças surdas quanto mais cedo forem inseridas em escolas bilíngues ou terem contato com pessoas surdas, mais fácil será seu aprendizado e fortalecimento da sua identidade cultural e de sua língua. Este contato com pessoas surdas irá fornecer à criança surda a aquisição da Cultura Surda e uma formação indenitárias da criança, fortalecendo seu vínculo dentro da comunidade surda e a escola bilíngue trará esse atrelo para a criança surda, preparando-a para a vida adulta e na formação de sua identidade, sem limitações.

A educação bilíngue fornece constituição da identidade e um pertencimento à cultura para criança surda, pois a mesma está inserida em um ambiente propício para aquisição de sua cultura surda e identidade. A educação bilíngue é a melhor opção para as crianças surdas adquirirem sua cultura e identidade, pois esta educação fornecerá meios suficientes para sua formação e ampliação de seus conhecimentos, formando crianças surdas com mais autonomia. Colocando a língua de sinais como primária e a língua portuguesa secundária. Para isto Machado; Prestes (2007, p.53), destacam que.

Somente com uma educação bilíngue, ou seja, com o conhecimento da língua de sinais e da língua oral (no caso Brasil, a língua portuguesa), é que o surdo poderá participar do meio social, se expressar e conhecer o

mundo das informações. Assim, a criança conseguira adquirir mais facilmente uma estrutura linguística e aprender a ampliar seus conhecimentos. (MACHADO; PRESTES 2007, p.53).

Constituindo assim, as escolas bilíngues não só ajudarão na aquisição da língua de sinais, como também na formação e na aquisição da Cultura Surda, as crianças estarão inseridas em um meio que os professores, os colegas são surdos, e assim sua língua materna é preservada e sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola bilíngue surge como um modelo de educação para os surdos, valorizando o que é mais importante para os surdos a sua cultura, colocando a LIBRAS como primeira língua, ou seja, a língua materna do surdo e a língua portuguesa como secundária. A criança surda passa a ter contato com adultos surdos e essa interação fará com que as crianças passem a adquirir esta cultura, formando a sua identidade surda. Para melhor aquisição da cultura surda a LIBRAS surge como o símbolo dos surdos, pois é através da língua brasileira de sinais que a criança surda irá fazer a aquisição da cultura dentro da escola bilíngue além de adquirir a língua brasileira de sinais.

A escola bilíngue valoriza a particularidade da criança, tornando-a mais autônoma, constituindo assim a sua identidade dentro do contexto que está inserida. A criança tem a possibilidade de conhecer sobre sua cultura, além de estar preparada para a cultura dos ouvintes, além de ser bilíngue a escola tem que ser bicultural.

Sabemos que não é uma tarefa fácil à implementação da escola bilíngue, mas já tivemos alguns avanços, basta que a escola esteja engajada em inserir a cultura surda em seu contexto, o professor tem que ter uma boa formação, de preferência professores surdos, profissionais capacitados para educar crianças que irão ter conhecimento de sua cultura. Com estes profissionais a escola faz com que a cultura ouvinte faça uma mesclagem com a cultura surda, fazendo com que a criança adquira sua cultura e língua de forma natural e espontânea. Por isso, a criação de uma escola bilíngue para a formação e aquisição da cultura surda. Diante do que foi analisado e pesquisado a escola bilíngue é a melhor opção para formação da criança surda, pois

além de fornecer à aquisição da linguagem a criança surda adquire a Cultura Surda dentro desta escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL **Decreto de nº 5.626, 22 de dezembro de 2005**, disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil Acesso em: 21/03/2018 as 21h40min

MACHADO, Flavia Medeiros Álvaro; PRESTES, Gelça Regina Lusa. LIBRAS: língua brasileira de sinais. Caxias do Sul, RS: Educus, 2007.

PEREIRA, Maria Cristina da cunha... [et al.]. **Libras**: conhecimento além dos sinais. 1. Ed. São Paulo; Pearson Prentice Hall, 2011

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997

SHIMITT, Deonísio; LUCHI, Marcos. Libras: Conhecer a cultura surda; Florianópolis-SC, UFSC, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116977>> Acesso em: 21/03/2018 as 21:33min